

O ENSINO DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO NA PERSPECTIVA DE SÓCRATES: IRONIA E MAIÊUTICA

Francisco Cleano Lima Melo¹
José Carlos Silva de Almeida²

Resumo:

O presente artigo é resultado de uma pesquisa do Mestrado Profissional (PROF-FILO) que procurou investigar as contribuições do método socrático para o ensino de Filosofia na Educação Básica. A pesquisa teve como objetivo apresentar uma proposta metodológica de ensino da filosofia no ensino médio tendo como referência a maiêutica socrática. A investigação se baseia fundamentalmente em compreender o método socrático, encontrar os pressupostos necessários para o fazer filosófico no ensino médio a partir das investigação destes conceitos, despertar uma reflexão sobre de que forma podemos ensinar filosofia, ou seja, possibilitar caminhos para a prática do pensamento filosófico pelos discentes. O artigo apresenta de forma metodológica os passos dados pelo filósofo Sócrates para chegar ao conhecimento. Por meio da atitude dialógica, Sócrates inspira um universo de possibilidades para pensar o ensino médio na atualidade. O ato de questionar, de buscar um fundamento que possibilite uma conceituação ou até mesmo uma nova dúvida se torna uma referência para pensar a prática docente e ao mesmo tempo favorece uma saída para analisarmos a metodologia socrática e com ela buscar uma atitude filosófica e questionadora diante do mundo.

Palavras-chave: Sócrates. Maiêutica. Ensino de Filosofia.

THE TEACHING OF PHILOSOPHY IN HIGH SCHOOL FROM THE PERSPECTIVE OF SOCRATES: IRONY AND MAIÊUTICA

Abstract:

This article is the result of a survey by the Professional Master's (PROF-FILO) that sought to investigate the contributions of the Socratic method to the teaching of Philosophy in Basic Education. The research aimed to present a methodological proposal for teaching philosophy in high school with reference to Socratic maieutics. The investigation is fundamentally based on understanding the Socratic method, finding the necessary assumptions for doing philosophical work in high school from the investigation of these concepts, awakening a reflection on how we can teach philosophy, that is, enabling paths for the practice of thought philosophical by the students. The

¹ Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UVA). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará – (UFC). Professor de Filosofia na Escola Tancredo Nunes de Menezes – Ce. E-mail: cleannomello@gmail.com

² Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1989). Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1992) e Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Antonianum - Roma (2005). Pós-Doutor em Filosofia Antiga pela UFMG (2019). Professor Associado III do Curso de Filosofia da Universidade Federal do Ceará, atuando principalmente nas seguintes áreas: Filosofia Antiga, Ética e Ensino de Filosofia. Coordenador de Área do Subprojeto Interdisciplinar (Filosofia) - PIBID/CAPES/UFC. Coordenador do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) - núcleo UFC. E-mail: jcdafilosofia@hotmail.com

article presents in a methodological way the steps taken by the philosopher Sócrates to reach knowledge. Through the dialogic attitude, Socrates inspires a universe of possibilities to think about high school today. The act of questioning, searching for a foundation that makes possible a conceptualization or even a new doubt becomes a reference for thinking about teaching practice and at the same time favors a way out to analyze the Socratic methodology and with it seek a philosophical and questioning attitude towards of the world.

Keywords: Socrates. Maieutics. Teaching Philosophy.

1. Introdução

O ensino de Filosofia no ensino médio encontra-se diante da complexidade e do desafio entre ensinar e aprender. Lidamos com a massificação do ensino, que ao mesmo tempo que democratiza o acesso do aluno ao conhecimento, provoca o desafio entre ensinar e aprender. Em sua grande maioria temos salas com superlotação o que impacta drasticamente a didática do ensino de filosofia. Desse modo, a pergunta inquietante é: o que ensinar? Como ensinar? O que aprender em filosofia? Que didática aplicar ao ensino de filosofia? No percurso deste artigo discutiremos a relação de ensinar e aprender a partir da perspectiva socrática. Analisaremos como Sócrates fomentava o conhecimento filosófico e de que forma as prerrogativas socráticas contribuem para o ensino de filosofia na atualidade, no contexto do ensino básico.

Na dialética socrática, apresentamos o ponto crucial do pensamento de Sócrates, ou seja, o seu modo de fazer filosofia, a maiêutica. Inicialmente abordaremos o conceito de ironia, como uma desconstrução de opiniões. Evidenciaremos que a ironia socrática constitui um método de pergunta, geralmente partindo de alguma temática em discussão, no intuito de delimitá-la e refutá-la. O esboço conceitual sobre a ironia mostra que seu objetivo fundamental era o de purificar o pensamento do interlocutor, no intuito de que houvesse consistência no argumento, desfazendo-se assim das falsas opiniões. Portanto a ideia de ironia não era de ridicularização ou constrangimento do interlocutor, mas a diminuição do impasse sobre o problema que estivesse em questão. O fato de haver impasse se dá pela insustentabilidade dos argumentos baseados em meras opiniões.

Com a maiêutica, que tem o sentido originário na arte de partejar, mostraremos que tal habilidade de dar à luz ao conhecimento do filósofo Sócrates possui uma grandeza imensurável. A maiêutica aqui abordada apresenta um elemento importante: a saída do mundo das opiniões, dos preconceitos, da relativização do conhecimento para o pensar por si mesmo. Partejar as ideias oriundas dos seus interlocutores, passando pela ironia, pelo processo de

refutação e pelos constantes questionamento tinham um propósito, a saber, o conhecimento. A analogia à parteira assume um caráter importante, o de que Sócrates não partia de um conhecimento pronto, nem tinha como objetivo apresentar um conceito de sua autoria, mas a de possibilitar as condições para o “nascimento das ideias” em seus interlocutores. A pergunta é o elemento fundamental. Através da habilidade de questionar, Sócrates evidenciava as contradições no diálogo. As ideias que geralmente surgiam após as conversas com Sócrates saíam das meras opiniões para a reflexão. Um discurso que muitas vezes vinha “esvaziado de verdade” passava a assumir um caráter conceitual e verdadeiro.

A partir das inspirações na vida e na filosofia socrática, podemos refletir sobre a atitude filosófica e sobre como podemos tornar este conhecimento acessível, mas sem perder o rigor filosófico que é fundamental para aqueles que se aventuram na tarefa de fazer filosofia. Portanto, a pesquisa é delineada no intuito de buscar em Sócrates uma referência em termos de busca pelo conhecimento e da própria vivência da filosofia, como serão evidenciados no decorrer do artigo ao apresentar o método socrático.

2. Dialética socrática

29

A dialética socrática se apresenta através de uma série de diálogos que caracterizam o modo de fazer filosofia adotado por Sócrates. É típico perceber um Sócrates, sobretudo na obra platônica, que não tinha pretensões em convencer por discursos retóricos a uma verdade definitiva. Ao contrário, Sócrates aparece de forma provocante e instigante, valendo-se de perguntas no intuito de despertar no interlocutor a busca por uma verdade que não se encontrava no discurso em si, mas que era encontrada a partir do autoquestionar-se, que não se tratava de uma conversa qualquer, mas de um trabalho árduo de usar a razão na elaboração de um conceito e não a simples e mera exposição de opiniões.

Desse modo, o diálogo socrático é o método lógos para chegar a uma conduta reta, isto é, os conceitos que designariam o que somos como seres humanos e os valores nos quais sustentaríamos a nossa ação para a virtude. E é esse mesmo método que Sócrates utiliza para educar aqueles que o interpelam em locais públicos, sem se importar com a casta da sociedade ateniense da qual provinham (PAGNI, SILVA, 2007, p. 27).

A dialética socrática consiste na atitude dialógica, na apresentação de ideias, no debate, na refutação. Por meio do questionamento, os argumentos se organizam no intuito de passar por uma reorganização, que tem como propósito a verdade. Quando observamos os

diálogos platônicos, notamos claramente essas características. Basta observarmos o diálogo *Mênon*, por exemplo. É importante salientar que o diálogo começa com um problema a ser resolvido, a saber, o ensino da virtude é algo a ser aprendido ou se já nascemos com ela.

MEN. Podes dizer-me, Sócrates: a virtude é coisa que se ensina? Ou não é coisa que se ensina, mas que se adquire pelo exercício? Ou nem coisa que se adquire pelo exercício nem coisa que se aprende, mas algo que advém aos homens por natureza ou por alguma outra maneira? (PLATÃO, *Mênon* 70 a, p. 19)

A partir do problema apresentado, Sócrates não dará uma resposta cabal por quem era interrogado. Em seguida ele pergunta: mas o que é a virtude? Ou seja, antes de entender se ela era aprendida ou se já nascemos com ela, seria importante, antes de tudo, examinar em que ela consiste. Portanto, percebemos que o objetivo da dialética socrática era o de compreender as ideias oriundas de seus interlocutores, analisá-las e se necessário refutá-las.

A temática fundamental adotada por Sócrates, nas discussões com seus contemporâneos, voltava-se geralmente para a essência do homem; dessa forma ele inaugura uma nova forma de abordagem filosófica, não só pelo método de filosofar, mas pela centralidade na vida do homem. Para isso, Sócrates pretendia descobrir a verdade através do ato de indagar; procurava desmascarar a imposição dos conhecimentos e certezas através de uma desconstrução. Desse modo, aquilo que se mostrava insustentável quando submetido ao crivo da refutação, a saber, a opinião, era também objeto de crítica em meio à defesa do relativismo presente no método de ensino dos sofistas.

Para conhecer a posição que Sócrates ocupava na filosofia antiga e a sua feição antropocêntrica, é importante não perder de vista a sua relação com as grandes forças espirituais do seu tempo. Abundam surpreendentemente nele as referências ao exemplo da Medicina. E não são causais: relaciona-se com a estrutura essencial do seu pensamento, com a consciência de si próprio e com o ethos de toda a sua atuação. Sócrates é um autêntico médico, a ponto de, segundo Xenofonte, não se preocupar menos com a saúde física dos seus amigos do que com o seu bem-estar espiritual. Mas é sobretudo o médico do homem interior (JAEGER, 1994, p. 520).

Tendo em consideração a passagem citada anteriormente, podemos destacar o caráter antropológico nas discussões de Sócrates. A dialética socrática tinha como fundamento basilar o aperfeiçoamento do espírito humano, e isso fica claro quando este propõe um exame da própria consciência à medida que interroga, duvida e desestabiliza uma ideia de seu interlocutor. Desse modo, dialogar com Sócrates era, antes de tudo, realizar um movimento de introspecção na própria vida, o que caracteriza um exame moral. O ato de conhecer a si mesmo

representa uma condição preliminar para lidar com as situações externas, e isso causava inquietações constantes nos seus discípulos e levava-os a refletirem sobre seus princípios e valores. “Se toda investigação e todo saber é apenas uma reminiscência, é porque toda investigação é um voltar-se para si, é porque todo saber é antes de tudo saber de si, um contemplar a profundidade de si mesmo, é um conhecer-se a si mesmo” (BENOIT, 1996, p. 61). Portanto, o saber socrático tinha como essência o conhecimento de si mesmo, que em seus diálogos geralmente tratava de temas gerais como, por exemplo, o que é a justiça, o que é a coragem, como seria a cidade justa, o que é a virtude. E partindo desses temas geradores surgiam novas perguntas com caráter mais específico, como qual o papel do governante, qual o papel da guerra na vida do povo, quais seriam as condutas do homem justo. Assim, as perguntas tinham o objetivo de se chegar a uma melhor forma de pensar e refletir sobre aquilo que se afirmava conhecer, por meio da atividade dialética da indagação e do questionamento.

O método e a dialética de Sócrates também estão ligados a sua descoberta da essência do homem como psyché, porque tendem de modo consciente a despojar a alma da ilusão do saber, curando-a dessa maneira a fim de torná-la idônea a acolher a verdade. Assim, as finalidades do método socrático são fundamentalmente de natureza ética e educativa, e apenas secundária e mediatamente de natureza lógica e gnosiológica (REALE, 2003, p. 100).

31

É lúcido perceber na citação de Reale o caráter educativo por excelência que permeia o pensamento socrático. Temos como princípio básico uma pergunta que perpassa a ilusão do saber. A indagação presente no método socrático invade a zona das certezas dogmáticas e gera uma desestabilização do pensamento que torna educativo o processo de aprendizagem. É notório ainda nesse contexto a dimensão ética que se faz presente no pensamento socrático. Há sempre uma preocupação com a construção do pensamento aliada à prática da virtude. Não obstante as discussões partam dos problemas concretos da vida do homem, Sócrates, ao questionar as “certezas absolutas”, incrementa no diálogo um passo importante: o de abrir um panorama de possibilidades para o debate e a construção do conhecimento, que agora está apto a “dar à luz”.

A dialética de Sócrates coincide com o seu próprio dialogar (dia-logos), que consta de dois momentos essenciais: a “refutação” e a “maiêutica”. Ao fazê-lo, Sócrates valia-se da máscara do “não saber” e da temida arma da “ironia”. Cada um desses pontos deve ser adequadamente compreendido (REALE, 2003, p. 101).

Portanto, os passos seguintes terão como intento fundamental explicitar os dois momentos importantes da dialética socrática: a ironia e a maiêutica. A forma como a filosofia de Sócrates se desdobra na sociedade ateniense é categoricamente peculiar, o que traz a necessidade de um olhar atento e criterioso nos principais conceitos imbuídos no seu método.

2.1 A ironia: desconstrução das opiniões (*doxai*)

A ironia Socrática constitui uma parte importante do método e a sua constituição se dá sumariamente pela pergunta, uma forma eficaz de perceber no interlocutor a insuficiência da resposta dada. A fragilidade do discurso apresenta-se aqui sob o termo *doxa*, pois trata-se de uma mera opinião, fruto de uma concepção superficial das coisas. Sócrates estava sempre a perguntar, como podemos perceber no diálogo a seguir:

A razão de eu exigir em nosso diálogo tamanha precisão é sabermos se não há em nós um princípio, sempre o mesmo, com o qual, por meio dos olhos, atingimos o branco e o preto, e, por meio de outros e órgãos, outras qualidades, e se, interrogado, poderias relacionar tudo isso com o corpo. Mas talvez seja melhor que a resposta parta de ti mesmo, em vez de eu formulá-la com tanto trabalho. Dize-me o seguinte: os órgãos por intermédio dos quais sentes o quente e o seco, o leve e o doce, tu os localizas no corpo ou noutra parte? (PLATÃO, *Teeteto* 184 d-e, p. 99)

32

Sócrates enfatiza, nesta parte do diálogo *Teeteto*, a importância da resposta partir do interlocutor. Desse modo, coloca-se na posição de observador crítico, uma vez que a pergunta é parte integrante de toda a sua dialética. É curioso notar que suas perguntas não geram a satisfação e o conforto de uma resposta dada, de uma questão com resolução simples, comuns ao senso comum. Ademais, suas perguntas provocam os sentidos e incitam o direcionamento de uma trilha de questionamentos que se desenrolam conforme a subjetividade dos envolvidos no diálogo.

No diálogo *Mênon*, cuja temática, e aqui vale uma vez mais ressaltar, é sobre a questão da virtude, na tentativa de saber se a mesma pode ser ensinada através da prática ou se é algo inato ao ser humano, Sócrates é interrogado:

MEN. Podes dizer-me, Sócrates: a virtude é coisa que se ensina? Ou não é coisa que se ensina mas que se adquire pelo exercício? Ou nem coisa que se adquire pelo exercício nem coisa que se aprende, mas algo que advém aos homens por natureza ou por alguma outra maneira? (PLATÃO, *Mênon* 70 a, p. 19)

Obviamente Mênon espera de Sócrates uma resposta plausível à questão. No entanto, é interessante observarmos, logo no início do diálogo, a forma como Sócrates conduz a questão, a saber, sempre caracterizado por perguntas, a peculiar ironia socrática que encontrava nas opiniões um caminho a ser trilhado em direção ao conhecimento. Assim, Sócrates responde à indagação:

Eu próprio, em realidade, Mênon, também me encontro nesse estado. Sofro com meus concidadãos da mesma carência no que se refere a esse assunto, e me censuro a mim mesmo por não saber absolutamente nada sobre a virtude. E, quem não sabe o que uma coisa é, como poderia saber que tipo de coisa ela é? Ou te parece ser possível alguém que não conhece absolutamente quem é Mênon, esse alguém saber se ele é belo, se ele é rico, e ainda se é nobre, ou se é mesmo o contrário dessas coisas? Parece-te ser isso possível? (PLATÃO, *Mênon* 71 b, p. 21).

Percebe-se que Sócrates não responde ao problema proposto, apresentando a sua ignorância, o seu não saber. Esse esvaziamento de opções característico em sua filosofia é o caminho aberto para a construção do conhecimento, a saber, o despertar da consciência, o estopim de um saber presente no sentido do “conhece-te a ti mesmo”. Outrossim é característico dessa fase inicial do discurso, a ironia, que tinha como elementos essenciais a pergunta, a demonstração da contradição do argumento e a refutação.

É notória a percepção da ironia na forma em que Sócrates conduz o diálogo acerca do conceito de virtude. Percebe-se que Mênon fazia parte da maioria dos cidadãos atenienses que trazia consigo uma certa arrogância intelectual. O mesmo espera que Sócrates, de imediato, dê uma resposta plausível para o problema levantado, como ficou claro no início do diálogo. No entanto, Sócrates sempre parte do princípio de nada saber, ou saber que nada sabia, postura importante no processo de conhecimento. Essa honestidade intelectual incomoda Mênon: “Mas tu, Sócrates, verdadeiramente não sabe o que é a virtude, e é isso que, a teu respeito, devemos levar como notícia para casa?” (IDEM, 71 b-c, p. 21). Mênon usa o argumento questionando a autoridade de Sócrates, como é possível que o famoso homem sábio não saiba sobre a virtude. No entanto, Sócrates, valendo-se da ironia, refuta seu questionamento respondendo da seguinte forma: “Não somente isso, amigo, mas também que ainda não encontrei outra pessoa que soubesse, segundo me parece” (IBIDEM, 71 c, p. 21). Fica evidente que as ideias eram provenientes de preconceitos e opiniões.

Platão (IBIDEM, 73 c-d, p. 27), no diálogo entre Mênon e Sócrates, torna evidente as características da ironia, em especial a refutação, conforme é exposto:

MEN. Que outra coisa seria senão ser capaz de comandar os homens? Se é verdade pelo menos que procuras uma coisa única para todos os casos.

SO. Mas é certamente o que procuro. Mas então, Mênon, é a mesma virtude, a da criança e a do escravo: serem, ambos, capazes de comandar o seu senhor? E te parece que ainda seria escravo aquele que comanda?

MEN. Não me parece absolutamente, Sócrates.

SO. Não é provável, com efeito, caríssimo. Pois examina ainda o seguinte: afirmas que a virtude é ser capaz de comandar. Não deveremos acrescentar aí “com justiça, e não injustamente”?

A estrutura típica do diálogo socrático evidencia a complexidade discursiva e filosófica. Sócrates, ao questionar Mênon acerca de suas convicções, mostrava, através das perguntas, as contradições envolvidas nas afirmações. Esse método que Sócrates utilizava fica ainda mais claro (PLATÃO, *Mênon* 73 d, p. 27), quando Mênon afirma: “Pois a justiça é virtude”. Porém, de imediato Sócrates o questiona. “É virtude, Mênon, ou uma virtude?” (IDEM, 73 e, p. 27). Nota-se o cuidado com a conceituação das ideias, pois tratava-se de uma diferenciação semântica que levaria por caminhos diferentes. A ironia é manifestada como desconstrução de ideias formadas no cotidiano, que em sua maioria não fogem ao senso comum ou ao campo do questionamento.

Fica explícito na passagem que a ironia socrática não remetia à figura de linguagem, mas ao ato de perguntar. Desse modo, mostra antes, a fragilidade do conceito, levando-o à contradição e à refutação. O que fica notório é a forma peculiar de Sócrates fazer filosofia, que é exatamente a não aceitação de respostas prontas, inacabadas, muitas vezes permeadas de características dogmáticas. Um conceito apresentado a Sócrates precisava passar pelo método, uma vez que ao ser posto à prova, notava-se as incoerências e inconsistências do discurso. Esse verdadeiro trabalho de partejar ideias levava sobretudo ao interlocutor o conhecimento do não saber, passo importante na metodologia socrática para se chegar ao conhecimento.

A ignorância de Sócrates, com efeito, não era de maneira alguma uma ignorância empírica, muito pelo contrário, ele tinha lido tanto os poetas quanto os filósofos, tinha também muita experiência nas coisas da vida, de modo que no sentido empírico ele não era ignorante. Mas, por outro lado era ignorante no aspecto filosófico. Era ignorante quanto a aquilo que está no fundamento de tudo, o eterno, o divino, quer dizer, ele que isto era, mas não sabia o que isto era, ele tinha isto em sua consciência e contudo não o tinha em sua consciência, na medida que a primeira coisa que ele podia predicar a respeito era que nada sabia a respeito (KIERKEGAARD, 1991, p. 135).

É importante compreender esse não saber socrático na perspectiva em que Kierkegaard apresenta, ou seja, a ignorância de Sócrates acerca do fundamento último das coisas. Quando se faz uma reflexão aprofundada, percebe-se que esse não saber é um movimento dialético, uma vez que não se trata de algo meramente empírico no qual é possível

descrever suas características dando-lhe um adjetivo. O não saber de Sócrates se refere mais profundamente aquilo que não é possível descrever de maneira apressada sem antes passar por uma intensa investigação filosófica, para se chegar a constatação. O não saber aqui assume o caráter da liberdade que Sócrates tinha de perguntar, ao mesmo tempo que o interlocutor não gozava dessa liberdade, pois o mesmo ao ser interrogado era como que instigado ao desejo de conhecer. Aqui está uma das características fundamentais desse caminho socrático de condução ao conhecimento. “Ele libertava assim, decerto, o indivíduo de qualquer pressuposição, liberava-o assim como ele próprio era livre; porém, a liberdade que ele próprio gozava em satisfação irônica [...]” (IDEM, p. 138).

Sócrates, ao perguntar, percebia a insuficiência nos elementos que justificavam o argumento. Contextos contidos na conceituação que, em sua grande maioria, eram oriundos de preconceitos e opiniões subjetivas. Por isso o grande objetivo da ironia é fazer o interlocutor reconhecer a própria ignorância, forçando-o a definição sobre algum assunto em questão. No decorrer do processo de questionar e demonstrar as contradições no argumento, surgem elementos novos, onde é possível tentar uma nova definição. Muitas vezes a habilidade de usar um interrogatório ininterrupto irritava e embaraçava a cabeça do interlocutor. Mas aqui é importante notar que o método socrático é comparado ao trabalho de parto, e por fazer alusão ao mesmo, carrega a analogia das dores do processo de “dar à luz”. Formar uma ideia, uma conceituação livre de características dogmáticas e preconcebidas não é uma tarefa fácil, por isso é comum os interlocutores de Sócrates se irritarem com sua arte de trazer à luz a constatação dos limites do nosso conhecimento. Por fim, era comum também o interlocutor se sentir cansado, exausto e na maioria das vezes chegava a reconhecer a sua ignorância e quando este a reconhecia, temos então o primeiro passo para o conhecimento.

35

2.2 A maiêutica: a arte de partejar do filósofo Sócrates e a formação do conhecimento filosófico (*episteme*).

A maiêutica socrática consiste basicamente em tentar guiar o interlocutor a produção de novos conceitos e ideias a partir do despojamento de tudo aquilo que se supõe saber. Temos aqui um passo importante para o conhecimento, uma vez que o indivíduo faz jus à etimologia da palavra maiêutica como a arte de partejar. No caso, Sócrates não fazia parto de homens, mas parto de ideias. Sua arte consistia em fazer seus contemporâneos reconhecerem sua ignorância e a partir daí chegar a constatação dos limites do conhecimento, da

impossibilidade de formular uma definição. Fica evidente que não era um processo fácil, ademais consistia em um verdadeiro trabalho de parto. A pessoa muitas vezes se via esgotada, mas no decorrer do processo ela percebia que tudo isso tinha um propósito, a concepção de um conhecimento e que isso o permitiria vislumbrar a luz da verdade.

A minha arte obstétrica tem atribuições iguais às das parteiras, com a diferença de eu não partejar mulher, porém homens, e de acompanhar as almas, não os corpos, em seu trabalho de parto. Porém a grande superioridade da minha arte consiste na faculdade de conhecer de pronto se o que a alma dos jovens está na iminência de conceber é alguma quimera e falsidade ou fruto legítimo e verdadeiro (PLATÃO, *Teeteto* 150 b-c, p. 13).

Sócrates relaciona a sua arte, a maiêutica à atividade de sua mãe, que era parteira. Essa por sua vez era estéril, uma vez que pela idade já não podia mais gerar filhos. No entanto, mesmo sendo incapaz de engravidar, ajudava outras mulheres no trabalho de parto. A velha parteira, possuía a habilidade de conduzir o processo daquelas que, por sua inexperiência, enfrentavam as adversidades do trabalho de parto. “Como muito bem sabes, não servem para exercer o ofício de parteira as mulheres que ainda concebem e dão à luz, mas apenas as que se tornaram incapazes de procriar” (IDEM, 149 b, p. 12). Outrossim, fica evidente a importância da experiência. É necessário ter passado pelo mesmo processo para que se possa conduzir com autoridade e eficiência aquelas que passariam pelo trabalho de parto. Por se tratar de uma tarefa de grandeza imensurável, o trabalho de dar à luz a ideias, é comparado ao trabalho das parteiras, pois “[...] o mais importante e belo trabalho das parteiras consistiria em decidir entre o verdadeiro e o falso [...]” (IBIDEM, 150 b, p. 13). O mesmo ocorre, segundo Sócrates, com o conhecimento, pois cabe ao “parteiro” do conhecimento saber se o argumento do interlocutor é fruto do conhecimento, sendo, portanto, verdadeiro, ou apenas resultado de uma mera opinião, refletindo até que ponto essa ideia é falsa.

Sócrates, ao utilizar a sua arte de partejar o conhecimento deixava explícita a vantagem de buscar e desejar conhecer. “Se depois disto, Teeteto, voltares a conceber, e conceberes mesmo, ficarás cheio de melhores frutos, graças à presente investigação” (IDEM, 210 c, p. 98). O fator importante do método apresentado por Sócrates está na possibilidade de o indivíduo sair do mundo das opiniões, dos preconceitos, da relativização do conhecimento como bases estruturantes do seu agir e perceber o mundo, para a característica fundamental: o pensar por si mesmo. A esse exercício chamamos de maiêutica socrática, que consistia em partejar as ideias de seus interlocutores:

E, assim, passamos ao segundo momento do método dialético. Para Sócrates, a alma pode alcançar a verdade apenas “se dela estiver grávida”. Com efeito, como vimos, ele se professava ignorante e, portanto, negava firmemente estar em condições de transmitir um saber aos outros ou, pelo menos, um saber constituído por determinados conteúdos. Mas, da mesma forma que a mulher que estiver grávida no corpo tem necessidade da parteira para dar a luz, também o discípulo que tem a alma grávida de verdade tem necessidade de uma espécie de arte obstétrica espiritual, que ajude essa verdade a vir a luz, e essa exatamente a “maiêutica” socrática (REALE, 2003, p. 102-103).

A analogia socrática do conhecimento ao parto e à obstetrícia tem uma relação fundamental com os processos que ocorrem em ambos. O ato de conhecer para Sócrates, torna-se uma possibilidade quando o indivíduo se abre ao novo, a buscar constantemente o saber. Por isso que a ironia é o momento imprescindível para que o indivíduo reconheça a sua ignorância e a partir de então possa inferir acerca do saber que há de provir.

É este o sentido da célebre fórmula socrática “Só sei que nada sei”, a ideia de que o reconhecimento da ignorância é o princípio da sabedoria. A partir daí o indivíduo em o caminho aberto para encontrar o verdadeiro conhecimento (episteme), afastando-se do domínio da opinião (doxa) (MARCONDES, 2010, p. 48).

Conforme descrito anteriormente por Marcondes, quando o indivíduo reconhece a sua ignorância, abre-se a possibilidade do conhecimento verdadeiro. Desse modo, o dar à luz as ideias é um momento novo, único, individual. Um processo que é resultado de um agir próprio e não uma sujeição as ideias contaminadas pelas opiniões. A discussão e as constantes interrogações fazem parte de um processo em que o interlocutor é guiado para que nasça dele próprio o conhecimento (episteme). Portanto, a dialética que acompanha todo o processo do método socrático, inicialmente pela ironia e depois pela maiêutica tem um propósito pedagógico, a fruição do saber, pois como podemos perceber:

A dialética é assim também inicialmente um processo de abstração, que permite com que se chegue à definição de conceitos. Deve admitir provisoriamente contradições para que elas sejam superadas. Não há respostas prontas, trata-se sempre de um processo que visa levar o interlocutor a reconhecer a fragilidade de suas próprias crenças e ver que aquilo que diz não é o que parece ser. Através do diálogo a opinião, que se crê certa de si mesma, ao se expor se revela contraditória, inconsequente. O método dialético não substitui de início a certeza da opinião por uma outra certeza, mas é um método negativo, exigindo uma atitude crítica, mostrando a necessidade de uma interrogação, e um questionamento dessa própria opinião, de sua origem, de seus fundamentos (MARCONDES, 2010, p. 53).

E muito comum perceber Sócrates, ao dialogar com seus interlocutores, incitando-os a se autoquestionar. O reconhecimento das contradições tinha um propósito maior, que era a superação através da construção de um saber verdadeiro, dotado de autocrítica. No *Teeteto*, Sócrates demonstra esse problema típico do indivíduo que se encontra na doxa, como podemos notar no diálogo:

Sócrates – Por imaginares, talvez, que alguém possa ter conhecimento seja do que for, quando julga que uma mesma coisa ora pertence a um determinado objeto, ora a outro, ou quando, acerca do mesmo objeto opina de um jeito ou de outro, conforme as circunstâncias.

Teeteto - Eu não, por Zeus!

Sócrates - E não te recordas de que era isso mesmo o que ocorria quando tu e os outros começastes a aprender a ler? (PLATÃO, *Teeteto* 207 d, p. 94)

Sócrates coloca de forma clara o quão embaraçadas são as ideias do indivíduo que não chegou ao conhecimento. Esse problema é típico daqueles que se deixam levar pelas opiniões e que conduzem suas ideias conforme o melhor lhe aprouver. No entanto conhecer não é um processo simples, como provavelmente muitos de seus contemporâneos pensavam. Conhecer é antes de tudo chegar ao reconhecimento do não saber. E quando Sócrates compara seu método ao parto, este deixa explícito que o mesmo é um caminho doloroso, que antes de tudo é necessário passar por uma purificação, saindo das velhas opiniões e abrindo-se ao conhecimento novo. Este por sinal, ao passar pelo método já não se encontra embaraçado, mas capaz de fazer inferências à luz da verdade e de forma clara; afinal a maiêutica possibilita a conceituação. “Assim, quem acrescentar à opinião verdadeira de um ser a diferença que o distingue dos demais, terá adquirido o conhecimento do que antes ele tinha apenas opinião” (IDEM, 208 e, p. 96). A grandeza do método socrático se encontra na possibilidade de tirar o interlocutor de uma condição de falso saber ao conhecimento, a episteme. “Enquanto eu não fazia mais do que opinar, não alcançava com o pensamento aquilo por que te distingues dos demais” (IBIDEM, 209 a, p. 96). Portanto, a saída das opiniões somente é possível quando se busca à definição, a conceituação, uma vez que ela é resultado do processo de conhecimento.

3. O exercício do pensar filosófico fundamentado na maiêutica socrática.

Trabalhar a filosofia no ensino médio exige um olhar especial na construção do pensar filosófico. Desse modo a pesquisa acerca da maiêutica socrática e sua inspiração para um método que instigue e provoque o pensar crítico e reflexivo se estende no ensino básico à investigação biográfica de texto e conceitos citados pelos filósofos, leituras, debates e reflexões

compartilhadas. O ponto crucial é entender a forma pelo qual Sócrates levava o interlocutor do não saber ao saber. Portanto, toda a pesquisa se traduz em buscar, de forma metodológica, uma aproximação do método socrático com a realidade de ensino e aprendizagem da Educação Básica, em especial no ensino médio.

A questão do ensino da filosofia, quando ligado à necessidade de um fazer pedagógico que se adeque às exigências específicas dos alunos do ensino médio, é sempre uma questão complexa. Surgem diversos questionamentos quando queremos traçar um perfil que melhor se adapte ao estilo formativo dos jovens. Afinal, qual o melhor meio para ensinar filosofia? Aulas teórico-expositivas? Aulas vivenciais com temáticas filosóficas? Pesquisas? Quando o assunto é o livro didático surge outro questionamento: qual é o melhor livro a ser adotado? O que tem mais exercícios que preparem para o ENEM? O que trata a filosofia de forma conteudista, com um forte aprofundamento histórico? Ou aquele que é compacto e que trabalha de forma sistemática problemas filosóficos atuais? Qual seria a melhor opção? Ou talvez nenhuma dessas opções citadas sejam viáveis? Responder a essas angústias e anseios, que permeiam a prática de ensino da filosofia no ensino médio, não é uma tarefa simples. O fato é que, quando falamos em exercício do pensar filosófico dentro do ensino de filosofia na Educação Básica, não podemos deixar de refletir acerca das estratégias mais viáveis à prática docente.

39

Um dos aspectos mais problemáticos do assunto em análise é o como fazer da aula de filosofia um exercício de filosofar, isto é, um ensino filosófico da filosofia, ou, em termos mais simples, como evitar que a aula de filosofia se transforme em mera transmissão de conhecimento de filosofia de uma perspectiva apenas didática (SOFISTE, 2007, p.19-20).

O desafio para o professor de filosofia, como podemos perceber é extremamente grande. O fato é que o ensino da filosofia não deve ser encarado como uma excelente transmissão didática, onde o aluno aprendeu aquilo que o professor se prontificou a ensinar. Ensinar filosofia, principalmente na perspectiva socrática é fazer com que os alunos sejam sujeitos do desenvolvimento do saber.

Desse modo, Sofiste apresenta um fato inquietante acerca do ensino da filosofia no Ensino Médio. Ele aponta que segundo as pesquisas na área, “[...] uma das razões para o não sucesso, em geral, da filosofia, na Educação Básica é decorrente do equívoco muito comum entre nós, professores de filosofia, de confundir “filosofia” com “cultura filosófica” [...] (2007, p.20). É notória a necessidade da autorreflexão no que concerne ao ato de ensinar filosofia como prática frequente do professor que leciona filosofia, em especial, na Educação Básica. É preciso

pensar sobre qual perfil de aluno de filosofia que queremos. Aquele que detêm um saber culturalmente vasto, sendo capaz de obter êxito nos exames ou aquele que é capaz de pensar de forma dialética, de criar e recriar seu próprio caminho intelectual, capaz de agir e pensar criticamente, fazendo escolhas autônomas. A questão que Sofiste coloca sobre o ensino de filosofia, tendo como foco a preparação para a exames de vestibulares, é a seguinte:

Se em geral a educação média é treinamento para o vestibular, evidentemente que nessa “coisa de treinamento” não tem espaço para a filosofia, uma vez que a filosofia e treinamento são coisas que não se combinam. Causa-nos espanto, náusea, insônia essa ideia de cobrança de conteúdos de filosofia no vestibular, isto é, vestibular tal como instituído e praticado pelas universidades públicas, como caminho para o reconhecimento e valorização da filosofia (2007, p.25).

A crítica maior em relação à preparação para exames aqui exposta não se dá unicamente ao exame em si, mas também ao direcionamento da filosofia a um treinamento, o que a torna limitada. O lugar da filosofia no ensino médio deve ser o espaço do fazer filosófico. A construção de um saber que se fundamenta no diálogo, na pesquisa, na liberdade de pesquisar e pensar, na pergunta, nas refutações, na valorização da pluralidade de ideias e na subjetividade dos sujeitos que interagem nesses espaços de aprendizagem. É lúcido que avaliar o conhecimento filosófico não seja a pior estratégia, mas que essa seja aliada fundamentalmente à questão essencial, a construção do conhecimento no viés filosófico. É necessário tirar do foco uma preparação conteudista para uma avaliação, pois o mais importante é a vivência filosófica dos estudantes nesses espaços, que além de contribuir para o exercício da autonomia, fomenta a cidadania, com indivíduos capazes de fazer inferências esvaziadas de meras opiniões. Portanto, tais reflexões são importantes para o trabalho aqui apresentado, uma vez que pretendemos, através do método socrático, possibilitar as condições ideais para o pensamento filosófico.

40

4. Considerações finais

Procuramos compreender, por meio deste trabalho, a relação do método socrático com o ensino da filosofia no ensino médio. Quando pensamos acerca do modo socrático na Educação Básica, nos deparamos com o desafio de ajudar os jovens a saírem de suas “certezas cotidianas”, que em sua grande maioria são esvaziadas de fundamentação, para um campo dialético do pensar. Desse modo, quando fomentamos nos jovens a curiosidade, a significação do conteúdo, estamos abrindo as portas para que os mesmos construam seu próprio conhecimento. O ensino ao “modo socrático” precisa ser pensado e repensado na atualidade, pois contribui efetivamente para o processo de autonomia e de participação consciente, de modo

que evidencia seu papel como cidadão em uma sociedade complexa e plural. O fato de pensar no método socrático como uma referência para a prática de ensino no contexto da Educação Básica atual, ajudou-nos a compreender a importância de encarar a escola como um universo de possibilidades de aprender e ensinar. Usar uma metodologia de ensino que coloque o aluno na condição de sujeito de seu aprendizado, que coloque como fundamento a sua própria liberdade de pensar e repensar por meios dos diálogos e questionamentos, traz uma abordagem importante na construção do fazer filosófico no ensino médio. Desse modo, os conceitos apresentados no percurso desse trabalho pretenderam, a partir de uma literatura clássica, identificar aspectos relevantes da vida de Sócrates e o seu método de ensino.

O presente trabalho reafirma a necessidade do empenho do professor de filosofia da Educação Básica de, a partir de uma postura aberta ao diálogo e ao questionamento, procurar dar sentido ao fazer filosófico. O método socrático pode dar essa contribuição imensurável uma vez que coloca a questão do conhecimento como uma condição a ser buscada pelo método dialético.

Referências

BENOIT, Hector. **Sócrates: O nascimento da razão negativa**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 1996. (Coleção Logos).

JAERGER, Werner. **Paidéia: A Formação do Homem Grego**. Tradução Artur M. Parreira . 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

JAPIASSU, Hilton. **Um desafio à filosofia: pensar-se nos dias de hoje**. São Paulo: Letras e Letras, 1997.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates**. 2. ed. Tradução de Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 1991.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 13. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

PAGNI, Pedro Angelo (Org) et al. **Introdução à Filosofia da Educação: Temas Contemporâneos e História**. São Paulo: Avercamp , 2007.

PLATÃO. **Mênon**. Tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro: Ed. PUC –Rio & Loyola, 2001.

_____. **Teeteto**. Tradução do grego por Carlos Alberto Nunes. 3a. ed. Belém: Universidade Federal do Pará, 1988.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: Filosofia Pagã Antiga**. Tradução Ivo Storniolo. 3. ed. São Paulo: Paulus, v. 1, 2003.

SOFISTE, Juarez Gomes. **Sócrates e o ensino da filosofia**: Investigação Dialógica: uma pedagogia para docência de filosofia. Petrópolis: Vozes, 2007.